

## O IMAGINÁRIO E A CIDADE DE GOIÂNIA: PERCEPÇÕES DAS PRÁTICAS CULTURAIS NA METRÓPOLE VIRTUAL

### THE IMAGINARY AND THE CITY OF GOIÂNIA: PERCEPTIONS OF CULTURAL PRACTICES IN THE VIRTUAL METROPOLIS

### LA IMAGINARIA Y LA CIUDAD DE GOIÂNIA: PERCEPCIONES DE PRÁCTICAS CULTURALES EN LA METROPOLIS VIRTUAL

*Johnathan Pereira Alves Diniz*<sup>1</sup>

Universidade Federal de Goiás, Goiás, Brasil

**Resumo:** Discutem-se as práticas culturais da juventude exercidas em ambiente virtual, retratadas na Região Metropolitana de Goiânia. Partindo de uma abordagem fenomenológica, pressupõe-se que tais práticas culturais, quando exercidas, proporcionam a (re)significação do lugar, do espaço vivido, fortalecendo a sensação de pertencimento que as relações sociais proporcionam. Os jovens buscam, ao adentrarem no ciberespaço, resgatar elementos do imaginário, do vivido e se tornar perceptível, reforçando sua espacialidade pela trajetória e leitura de mundo. O olhar geográfico se volta a essa percepção, na concepção dos espaços felizes retratados pela juventude nas mídias sociais. O dizer geográfico também é retratado, neste artigo, por meio do depoimento de um jovem, que diante suas memórias, compartilha sua espacialidade, fazendo que estes também partilhassem suas práticas sócio-espaciais, evidenciando, portanto, aspectos culturais na Metrópole Virtual.

**Palavras-chave:** Juventude; Práticas culturais; Goiânia; Ciberespaço; Imaginário.

**Abstract:** The cultural practices of youth exercised in a virtual environment, portrayed in the Metropolitan Region of Goiânia, are discussed. Starting from a phenomenological approach, it is assumed that such cultural practices, when exercised, provide the reframing of the place, of the lived space, strengthening the sense of belonging that social relations provide. Young people seek, when entering cyberspace, to rescue elements of the imaginary, of the lived and to become noticeable, reinforcing their spatiality through the trajectory and reading of the world. The geographical look turns to this perception, in the conception of the happy spaces portrayed by youth on social media. The geographical saying is also portrayed, in this article, through the testimony of a young man, who in the face of his memories, shares his spatiality, causing them to also share their socio-spatial practices, thus evidencing cultural aspects in the Virtual Metropolis.

**Keywords:** Youth; Cultural practices; Goiânia; Cyberspace; Imaginary.

**Resumen:** Se discuten las prácticas culturales de la juventud ejercitada en un entorno virtual, retratadas en la Región Metropolitana de Goiânia. Partiendo de un enfoque fenomenológico, se asume que tales prácticas culturales, cuando se ejercen, brindan el (re) significado del

---

<sup>1</sup> Doutorando em Geografia, pela Universidade Federal de Goiás na linha de pesquisa Dinâmica Socioespacial. Bibliotecário-Documentalista e Supervisor do Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBi) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano. Filiação E-mail: bibliojohn@hotmail.com.

lugar, del espacio vivido, fortaleciendo el sentido de pertenencia que brindan las relaciones sociales. Los jóvenes buscan, al entrar en el ciberespacio, rescatar elementos de lo imaginario, de lo vivido y hacerse notar, reforzando su espacialidad a través de la trayectoria y lectura del mundo. La mirada geográfica se vuelve hacia esta percepción, en la concepción de los espacios felices retratados por los jóvenes en las redes sociales. El dicho geográfico también se retrata, en este artículo, a través del testimonio de un joven, que frente a sus recuerdos, comparte su espacialidad, provocando que ellos también compartan sus prácticas socioespaciales, evidenciando así aspectos culturales en la Metrópolis Virtual.

**Palabras-clave:** Juventud; Prácticas culturales; Goiânia; Ciberespacio; Imaginario.

## 1. INTRODUÇÃO

Em época de constantes mudanças, os jovens reassumem seu protagonismo, evidenciado em ambiente interativo. Esta pesquisa tem como objetivo Compreender, mediante abordagem fenomenológica, Goiânia como metrópole cultural, real e virtual ontologicamente indissociável na prática da **Juventude “M1L GR4U”** (lê-se ‘mil grau’) que tem o espaço virtual como espaço vivido. A Metrópole Virtual é indissociável daquela que consideramos real, lugar habitado pelo ser, por isso a Goiânia (Metrópole) tem sua ontologia também ligada ao ciberespaço, à medida em que os jovens reconstruem o espaço em ambiente virtual, ressignificando por meio de práticas culturais e se identificando no contexto sócio-espacial inserido, transformando-o em lugar vivido.

A expressão “M1L GR4U” surgiu na internet e tem sinônimo de ‘legal’, que diverte. No âmbito da Região Metropolitana de Goiânia (RMG), os jovens buscam resgatar os valores culturais e sócio-espaciais<sup>2</sup> no ciberespaço, ou seja, buscando manter relações sociais entre a Goiânia real e a virtual. O real e o virtual não se opõem, se convergem na percepção ontológica dos sujeitos. As postagens feitas nas mídias sociais inserem o contexto Goiano/Metropolitano que atraem os jovens que se identificam e se interessam pelo conteúdo compartilhado por esses perfis e páginas. Diante do exposto, indaga-se como se constituem as práticas culturais da juventude nas (re) construções do ciberespaço da Metrópole Goiânia?

Parte-se do pressuposto que os jovens (re)construem o lugar, em ambiente virtual, resgatando expressões sócio-espaciais dos habitantes da metrópole. Torna-se imprescindível contextualizar os jovens e a Metrópole Goiânia na identificação e construção de práticas culturais no ciberespaço. Páginas e perfis foram criados em aplicativos de mídias sociais<sup>3</sup> com o intuito de retratar a metrópole goiana sob a ótica dos jovens. As postagens inserem o

---

<sup>2</sup> De acordo com Souza (2013), trata-se de indicativo das relações sociais.

<sup>3</sup> Nesta pesquisa contemplado pelo aplicativo Instagram.

contexto Goiano/Metropolitano que atraem os jovens que se identificam e se interessam pelo conteúdo compartilhado por esses perfis e páginas.

Reforçar os laços com o lugar de origem, também, são objetivos desses perfis ou páginas de mídias sociais que, como consequência, conquistam muitos jovens mediante identificação com o conteúdo produzido e compartilhado por tais ambientes de interação. A identificação também ultrapassa as barreiras dos limites geográficos da RMG, visto que pode alcançar os jovens que estão fora do contexto sócio-espacial ou ainda contribuir para uma aproximação daqueles que se identificam com o território retratado.

A juventude tem forma própria de ler o mundo que a circunda e acredita-se que retornando às origens, por meio de páginas nas mídias sociais reafirmam ser pertencentes a determinado lugar. Ler não está apenas na decodificação de palavras, mas está na percepção de mundo, na produção de sentidos realizada pelo sujeito no envolvimento de inúmeras práticas culturais, dentre elas a de leitura.

Com toda essa abordagem, surgiu o interesse em investigar como essa juventude (re) constrói o espaço geográfico no ambiente virtual e quais práticas culturais são adotadas para reforçar a noção de pertencimento do ser ao lugar. Estudar a juventude “M1L GR4U” se mostra interessante, pois mesmo diante dos problemas sociais enfrentados na metrópole, eles ressignificam o cotidiano em ação positiva na tentativa de angariar novos públicos de jovens que, mesmo não vivendo na metrópole, se reconhecem no ciberespaço de Goiânia.

## **2. O IMAGINÁRIO E A CIDADE: PERCEPÇÕES DA JUVENTUDE SOB O OLHAR DA GEOGRAFIA CULTURAL**

As transformações tecnológicas ocorridas desde a segunda metade do século XX até os dias atuais proporcionaram diversas gerações de jovens experimentarem possibilidades de comunicação e expressão diversificadas. Reguillo (2013) afirma que os jovens foram importantes protagonistas da história do século XX em diversos aspectos. A autora ainda ressalta os movimentos estudantis ocorridos ao redor do mundo que foram decisivos para grandes mudanças de perspectivas. Foi a partir da década de 1990, com o lançamento da Internet a nível comercial, que os jovens puderam experimentar uma nova forma de se expressar, podendo interagir em tempo real com vários outros grupos a poucos metros ou a milhares quilômetros de distância.

Nesse ambiente de grande interação os jovens se sobressaem como precursores deste novo tempo. Santos (2014) refere-se ao termo juventude, tentando estabelecer um padrão,

porém se mostra demasiadamente complexo, pois há certa dificuldade em definir, a princípio, o que é juventude na contemporaneidade. Ainda segundo a autora, vivencia-se uma realidade evidenciada nas atuais gerações de jovens, pois a juventude tem-se perdurado por muito mais tempo, não só pela aparência física, como pelo comportamento de muitos jovens adultos, podendo se estender até após os trinta (30) anos. São sujeitos que cresceram cercados de aparatos tecnológicos e que foram os primeiros a adotarem as Tecnologias da Informação em seu dia a dia.

Os jovens são vistos como sujeitos com competências a interpretar o mundo, sendo estes como sujeitos do discurso e como agentes sociais, reconhecendo suas fragilidades e forças para compreender as constantes mudanças e interação entre culturas que este século proporciona (REGUILLO, 2013). Os jovens se vêem ‘desafiados’ a enfrentar obstáculos, adotando novas práticas (formas) de se expressarem e assim evidenciar seus anseios a outros jovens, num esquema de partilha e reforço de seus laços com as origens para formarem outros laços afetivos e novas práticas culturais. Percebe-se que, por meio nas mídias sociais os jovens se apropriaram e puderam exercer as mais diversas práticas culturais, atribuindo significado àquilo que é lido/interpretado.

Quando se fala em aprender a ler e a escrever é, inicialmente, aprender a ler o mundo e compreender seu contexto. Freire (2003) declara que a leitura de mundo precede a leitura da palavra. O autor afirma que a leitura está, primeiramente, relacionada ao mundo, às experiências do indivíduo, desde a primeira infância até as mais complexas atividades. Costuma-se primeiro aprender a ler, para só depois aprender a escrever. Freire (2003) continua afirmando que a ausência do conhecimento do ato de escrever não impede o leitor praticar outras formas de leituras que fazia até então e que continua a fazer. As percepções e os sentidos são (re) significados pelos leitores que as fazem.

A visão de mundo se modifica quando se amplia o entendimento sobre o que é leitura. Diniz (2017) afirma que o ato de ler é de compreender a vida, sendo assim, é um instrumento que propicia o contato à distância com outras pessoas, grupos e povos e o conhecimento de si e o mundo a sua volta. Isso é reforçado mediante a necessidade da aplicação da leitura, de forma significativa, proporcionando um contato gratificante entre o leitor e sua percepção do mundo. “Ler é conseguir explorar, pelo menos em parte, esse emaranhado de informações presentes na atualidade” (SANTOS, 2014, p. 21).

Do ponto de vista da Geografia, Perez (2010) afirma que ler o mundo é ler o espaço, construção social e histórica da ação humana. Como instância da sociedade, o espaço é o objeto da Geografia; disciplina que o analisa, o interpreta e o explica, como resultante da

economia, da política e da cultura. Gomes (2012, p. 21) afirma que “em resumo, de um ponto de vista geográfico, o espaço é simultaneamente o substrato no qual são exercidas as práticas sociais, a condição necessária para que essas práticas existam e o quadro que as delimita e lhes dá sentido”.

Ao ter a percepção de leitura de mundo, o sujeito delimita o seu espaço. Na busca por um objeto particular de estudo, as construções epistemológicas têm sido desenvolvidas no sentido de construir um conceito abrangente de espaço geográfico que compreenda a diversidade das pesquisas Geográficas. Para Pesavento (2002) a cidade é objeto de múltiplos discursos e olhares, torna-se fundamental, compreender e interpretar o espaço por meio das relações sociais Chaveiro (2015) elucida que a geografia se funda narrativa, sendo esta produtora de sentido. O dizer geográfico se aproxima à literatura, enfatizar este dizer, concebendo o espaço como mediador, permitindo a expansão da imaginação geográfica.

Os significados constituem o foco da atenção da Geografia Cultural. É nesta perspectiva que Claval (2001) acrescenta que a Geografia Cultural trata, quase que exclusivamente, acerca da atividade material humana sobre a paisagem. Neste sentido, recorre-se a Paz (1956, p. 33) quando este afirma “incluir a linguagem no campo dos movimentos expressivos. Antes de falar, o homem gesticula. Gestos e movimentos possuem significação”. As práticas ocorridas em ambiente virtual tem sido o olhar proposto a este estudo, sob o viés da Geografia Cultural, pois é no ciberespaço que novas relações sociais se formam e se transformam. A cidade virtual também é o lugar de encontro, dos diferentes, dos debates e de práticas emancipatórias.

Para Bachelard (2008, p. 19) “o espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração e a reflexão geométrica. É um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação. Em especial, quase sempre ele atrai”. Por isso o olhar geográfico se faz presente, pois é o encontro do sujeito na interação com o ambiente, elo afetivo entre a juventude e ontologia da Metrópole Goiânia.

Cada cidade é vivida e experienciada por diferentes olhares dos sujeitos, deste modo, tem-se a Metrópole Goiânia observada sob a perspectiva da juventude. A multiculturalidade é aspecto positivo na promoção de práticas emancipatórias, na qual os sujeitos podem debater, encontrar opiniões igual/divergentes, outras percepções de mundo, proporcionando novas formas de leitura e, conseqüentemente, novas práticas culturais.

Brandão (2009, p. 148) faz a seguinte afirmação: “viver um tempo, pensar um espaço, estar num lugar”. Para o autor habitamos tempos e espaços, pois os humanos criam espaços

para viver, este lugar precisa fazer sentido ao sujeito para que possam ser a própria condição da existência e coexistência humana. A percepção do tempo e do espaço nos atribui sentido, podendo ser expressas pelos dizeres geográficos. A palavra é vida, não há outro meio de ampliar o mundo senão pelas palavras (PAZ, 1956).

Por isso o olhar geográfico se faz presente na leitura de mundo, pois é o encontro do sujeito na interação com o ambiente. Dessa interação surge a narrativa, que constrói o mundo da leitura, a percepção do lugar por meio da imaginação geográfica. A percepção é cultural, uma atividade, um estender-se pelo mundo, elo afetivo entre o sujeito e o lugar, entre a juventude e a metrópole Goiânia.

### **3. A ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA: MECANISMO METODOLÓGICO À VISÃO DE MUNDO**

Este estudo propõe fazer uma abordagem fenomenológica, baseada na reflexão abrangente do Ser, como aquilo que torna as suas múltiplas existências, portanto “da investigação ela mesma resultará que o sentido metódico da descrição fenomenológica é interpretação” (HEIDEGGER, 2012, p. 127). A compreensão do espaço vivido é destaque numa perspectiva fenomenológica, de interpretação que possa levar a uma nova interpretação ontológica.

Desse modo, Heidegger (2012) ao fazer uso do método hermenêutico, procura elucidar que a investigação é hermenêutica na medida em que o ponto de partida para alcançar a descrição do sentido de ser enquanto tempo é o próprio entendimento do ser pré-ontológico do ser-aí<sup>4</sup>, o qual, por sua vez, deverá ser trazido à luz em relação a suas condições de possibilidade mediante uma adequada interpretação.

Bachelard (2008) reitera que a função do fenomenólogo é se esforçar em compreender o germe da felicidade central, pois habita-se um espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, que se enraízam dia a dia, num canto do mundo. Tuan (2012) difunde o termo descrito por Bachelard (2008), denominado de topofilia, que pode ser interpretado em um sentido amplo, como os laços afetivos (simbólicos) dos sujeitos com o lugar. A topofilia se concentra nos espaços felizes, na percepção, atitudes e valores do meio ambiente abrindo o horizonte do olhar geográfico. O comportamento do Ser é compreendido em profundidade,

---

<sup>4</sup> Termo cunhado por Martin Heidegger, denominado *Dasein* (em alemão) ou *ser-aí* (tradução para o português).

abordando sua visão de mundo. Nesse movimento de viver o espaço e de identificação se interagem, fazendo sentido.

Tuan (2012) nos incita a questionar quais foram e quais são nossos ideais ambientais, como o percebemos, nos situamos, significam o mundo que ocupamos, se propondo a examinar a percepção e os valores ambientais, mostrar a construção de valores concernente ao meio ambiente, as mudanças de visões de mundo e a distinção entre diferentes experiências ambientais. Pretende compreender as práticas culturais (formas de (re) significação) da juventude, em ambiente interativo, da sensação de pertencimento frente ao lugar (Metrópole Goiânia), evidenciados mediante as vivências e a forma de visualizar e ler o mundo a sua volta. Uma juventude MIL GR4U que reafirma sua construção sócio-espacial, formando laços afetivos com o lugar, por meio das práticas culturais.

A ênfase nos aspectos culturais evidencia o lugar como objeto de pesquisas na Geografia desde a década de 1960 (HOLZER, 2016). Relph (1976) associa o lugar a um “espaço existencial” ou “espaço vivido” sendo, nas palavras do autor, estrutura íntima do espaço em nossas experiências concretas de mundo como membros de um grupo cultural, sendo intersubjetivo, permeando todos os membros daquele grupo, pois estes foram socializados de acordo com o conjunto comum de experiências, crenças e significados.

Uma formulação, fenomenologicamente orientada e sintética é a oferecida por Dardel (2011, p. 14) que afirma “o afastamento e a direção definem a situação [...] direções e distâncias que fixam de algum modo o lugar de sua existência”. O autor defende a ideia de uma geografia vivida, no cotidiano, que aborda a geograficidade (ou seja, a qualidade geográfica) dos sujeitos como modo de existência e coexistência. A fenomenologia se opõe na separação entre o sujeito e o objeto, pois toda consciência é intencional, resultado da interação entre o olhar do sujeito e o sentido que ele fornece a coisa percebida. Sendo assim, o estudo do fenômeno é sempre a consciência de algo que se atribui sentido.

Holzer (2017) afirma que esta formulação se refere a dois fundamentos da fenomenologia: a intencionalidade e a intersubjetividade, implicando em que nossos referenciais existenciais, os de nossa vida cotidiana, seja como sujeito, seja como seres sociais, são constituídos a partir da cultura que compartilhamos. Brandão (2009) reitera que esta mesma cultura nos transforma de seres da natureza para pessoas sociais (sujeitos de uma cultura). O autor continua referindo as experiências pessoais e sociais são repassadas por meio da cultura, mediante ao habitar e viver o mesmo espaço.

A topofilia se concentra nos espaços felizes, na percepção, atitudes e valores do meio ambiente abrindo o horizonte do olhar geográfico. O comportamento do sujeito é

compreendido em profundidade, abordando sua visão de mundo. Nesse movimento de presentificação e de identificação interagem o Ser e a base na qual ele se apoia. O corpo e o espaço, que, quando deixa de ser um pensamento idealizado, ganha uma concretude, se torna mundo, lugar. O corpo e o mundo que só existem na relação entre ser e mundo, que determina que só somos-no-mundo, que somos simultaneamente, e por toda vida, ser e mundo (HOLZER, 2017).

Ao retomar a questão central desta investigação, que é verificar as práticas culturais da juventude da metrópole Goiânia em ambiente virtual, apoia-se nas afirmações de Chaveiro (2015, p. 48), quando afirma que “escrever é, desse modo, inventar mundos experienciando a si próprio”. Ora, se somos seres-no-mundo, temos em si experiências que são percebidas por nós mesmos e pelos outros sujeitos. As mídias sociais proporcionaram a adoção de novas práticas culturais: a de recriar a metrópole no ciberespaço. O autor, já afirmava que tecer os fios do texto é o mesmo que tecer a vida e que qualquer texto é fonte de entrançamento com outros textos, reafirmando a sobrevivência da cultura e da experiência humana (CHAVEIRO, 2015).

O espaço vivido deve ser compreendido como um reflexo do próprio espaço apropriado da cidade, sendo um elemento dinâmico, cheio de signos e símbolos que devem ser lidos para o entendimento da formação e realidade no ciberespaço. Sendo assim, a ontologia da Metrópole Goiânia ressalta elementos fundamentais na abordagem deste artigo, sendo convidativo um olhar no imaginário destes jovens na tentativa de ler as formas da cidade, em ambiente virtual.

#### **4. PRÁTICAS CULTURAIS E O LUGAR DA GEOGRAFIA: CIBERESPAÇO DA METRÓPOLE VIRTUAL**

Compreende-se que determinado espaço geográfico se configura na natureza do Ser. É neste lugar que ações e tradições são repassadas, bem como a cultura. Chauí (2008, p. 57) afirma que a cultura é compreendida como campo onde os sujeitos elaboram símbolos e signos, instituem práticas e valores, definem o sentido da linha do tempo, as diferenças no interior do espaço e os valores que determinam o sentido da vida, da morte e das relações entre o sagrado e o profano.

Borges (2013, p. 74) salienta que “assim concebida, a cultura é mediadora do mundo e da existência, além de também ser reguladora de práticas sociais”. A autora enfatiza também que “na condição [de] produto histórico, a cultura não é perpétua: ela é construída, reconstruída, elaborada e reelaborada na interação do ser com o outro, com o espaço, com o

território, enfim com o mundo” (BORGES, 2013, p. 74-75). Portanto, o local da cultura é no espaço geográfico vivido, onde há ação humana que possa atribuir sentido a ela.

Berdoulay e Entrikin (2012) elucidam que a afirmação cultural e identitária se produz atualmente em diversas escalas espaciais. Os autores continuam reiterando que a identidade é evidenciada atualmente, na vontade de recolocar a discussão habitual de pautar a relação das sociedades e dos sujeitos pelo espaço, ou seja, suas práticas culturais.

Esse espaço territorial carregado de significações encontra-se a ideologia que nada mais é a tradução entre mediações de representações, conceitos e ações do sujeito histórico no mundo (BORGES, 2013, p. 75). Essa ideologia está amparada ao território, pois atribui sentido aos sujeitos. O lugar se adapta ao momento vivido pelas pessoas. Passam a ser utilizados mecanismos e componentes que fazem de um determinado lugar onde se concentram grandes atividades de produção e onde há grandes interações com outros locais, assim gerando influências em outros territórios.

Este lugar se torna espaço hegemônico, porque ali se concentram todas as forças que norteiam o tempo e as pessoas em outros lugares. Para Borges (2013) tem-se a noção que um território é um lugar na qual os sujeitos se expressam e se ressignificam. É um espaço de dimensão simbólica onde estão os sentidos de existência da humanidade. Um povo só se reconhece como tal quando o local onde habita transcende significação. A territorialidade desenvolve-se a partir da existência comum dos agentes exercendo-se sobre um mesmo lugar, engendrando uma solidariedade orgânica entre eles, a despeito da sua diversidade de interesses.

Sujeito e o lugar se fundem envoltos a um sentimento intenso de pertencimento, podendo atingir grupos (identidades coletivas) ou até mesmo individualmente (BERDOULAY; ENTRIKIN, 2012). A mundialização não anula a busca do sujeito pelo lugar de pertencimento, estando ligado, ao que os autores denominam de “processo essencialmente subjetivo, que está ligado à questão da identidade” (BERDOULAY; ENTRIKIN, 2012, p. 107).

Hall (2007) afirma que, essencialmente, presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento do sujeito, seja parte da natureza socialmente transformada (ou seja, da paisagem), impressa através do parentesco e da linhagem dos genes e seja parte constitutiva de nosso eu mais interior pressupondo uma construção subjetiva. Pesavento (2002) reitera que a identidade (sendo uma representação do real e que se atribui sentido), oportuniza a sensação de pertencimento e constrói a noção de alteridade (fazer sentido ao outro).

É um espaço de dimensão simbólica onde estão os sentidos de existência da humanidade. Haesbaert (1999) afirma que a identidade social também é uma identidade territorial, quando o referente simbólico desta identidade parte ou transpassa o território. A reconstrução imaginária da identidade, na visão do autor, envolve a escolha de múltiplos eventos e lugares do passado que fazem todo sentido na atualidade, sendo a memória sempre solicitada reestruturando os sentidos. Portanto, compreende-se que a identidade é construída tanto geográfica quanto historicamente pelas relações sociais, sendo retratadas no ciberespaço.

Ao mencionar o ciberespaço são introduzidos nessa temática as reflexões de Lévy (2000) que o define sendo um lugar em que há interação humana nos diversos níveis de conhecimento. O autor reitera que as implicações culturais provocadas pelo o novo espaço de comunicação, de sociabilidade e de inclusão, o qual ele denomina como Cibercultura, é o único meio pelo qual as pessoas podem partilhar “inteligência coletiva” e discutir sobre inúmeros temas simultaneamente, daí pode-se referir na transculturalidade. Lévy (2000) afirma que a cibercultura reflete a “universalidade sem totalidade”, em outras palavras, a interconexão mundial, proporcionada pela internet, favorece um espaço em permanente renovação e ressignificação.

O ciberespaço pode ser considerado uma virtualização da realidade, uma migração do mundo real para um mundo de interações virtuais. Lévy (2000) ainda utiliza um conceito de “virtual” que não se opõe ao real, nem ao material. Ainda que não esteja fixo em nenhuma coordenada de tempo e espaço, o virtual existe, ele é real, mas está desterritorializado. Mesmo sendo um espaço desterritorializado, o ciberespaço necessita de uma localização fixa para poder ter e fazer sentido. E é nesse ambiente que se constroem, permanentemente, expressões e identidades dos atores, pois “essas apropriações funcionam como uma presença do ‘eu’ no ciberespaço, um espaço privado e, ao mesmo tempo, público” (RECUERO, 2014, p. 27).

Haesbaert (2016) analisa a compreensão do espaço-tempo, nas perspectivas de Giddens e Harvey, afirmando que não há de fato uma desterritorialização, mas um processo de (re)territorialização (a qual denomina de multiterritorialidade) a qual os sujeitos pós-modernos estão vivenciando atualmente, sendo intimamente ligada a nova experiência da concepção do espaço-tempo, sendo este espaço múltiplo e versátil e sendo este tempo efêmero e global.

Admitindo dentro do contexto do Ciberespaço e, dentre as interações proporcionadas pela Rede, surgem as mídias sociais, que proporcionam contato e a interação entre as pessoas de diferentes localidades do mundo. De acordo com o relatório *Digital in 2018*, as mídias

sociais mais utilizadas no Brasil, são o Facebook e o Instagram (WE ARE SOCIAL, 2018). É a partir desse momento que observamos identificação com esse lugar, é o sentimento de pertença que unem o Ser e o lugar para que conjuguem um significado, ou seja, a ontologia da metrópole Goiânia está diretamente ligada à Metrópole Virtual.

Para Lévy (2000), as implicações culturais provocadas pelo o novo espaço de comunicação, de sociabilidade e de inclusão, o qual ele denomina como Ciberespaço, é o único meio pelo qual as pessoas podem partilhar “inteligência coletiva” e discutir sobre inúmeros temas simultaneamente.

Admitindo dentro do contexto do Ciberespaço as criações coletivas são formas interativas de seus agentes, sendo atribuída uma série de mecanismos que se dá a partir de dispositivos de criação. Dentre as interações proporcionadas pela Rede e pelo ciberespaço, foram criadas as mídias sociais que proporcionaram o contato e a interação entre as pessoas de diferentes localidades ao redor do globo. As mídias sociais mais utilizadas no Brasil, de acordo com o relatório *Digital in 2018*, são o *Facebook* e o *Instagram* (WE ARE SOCIAL, 2018). O relatório ainda aponta que aproximadamente 58% da população brasileira é usuária de mídias sociais.

A leitura insere neste contexto como um dos grandes laços do ciberespaço. É por meio dela que as interações ocorrem, a leitura se ressignificou (DINIZ, 2017). A leitura de mundo está além do contato físico, podendo ser experimentada pelas redes tecnológicas de comunicação.

O lugar, como sujeito, se institui e se exprime sobre o modo privilegiado da narrativa. [...] Do ponto de vista do geógrafo, o lugar, como sujeito, reflete as relações complexas, resultantes da tensão fundamental que se exerce entre o particular e o universal, entre o provincial e o cosmopolita. É dessa tensão mesma e de sua força criadora que emergem a existência e a pertinência dos lugares assim instituídos (BERDOULAY; ENTRIKIN, 2012, p. 111).

É a partir desse momento que observamos a importância de uma identidade (ou identificação) com esse lugar, é o sentimento de pertença que unem o Ser e o lugar para que conjuguem um significado. A leitura permite essa identificação e sensação de pertença por parte do leitor. Apesar do campo da leitura ser subjetivo, ela proporciona a territorialização dos leitores, pois um texto lido carrega consigo significações e estas situam os leitores em um lugar, talvez não seja aquele ao qual seu corpo está presente fisicamente.

A análise cultural do espaço é entendida como um campo de estudo da Geografia. A cidade e a rede urbana constituem-se em terreno fértil para esta abordagem, pois são formadas por complexos e diversificados grupos culturais (sociais e econômicos) que criam e recriam

espaço geográfico, mediante suas crenças, modos de vida, pela identificação com o lugar. “Como sujeitos, os seres humanos constroem lugares – de pertencimento e de identidade – e como são, também, moldados por tais lugares” (BERDOULAY; ENTRIKIN, 2012, p. 107). Os lugares são, enfim, expressões sócio-espaciais praticadas pelos sujeitos.

Retomemos ao tema de pesquisa. A figura 1 reitera que a espacialidade do sujeito, na visão de um jovem goiano, enfatizando o sentimento de pertencimento com o espaço geográfico, a cidade, são expressos em ambiente virtual, criando laços afetivos e identificação com o lugar e gerando a percepção de outros sujeitos que habitam o mesmo espaço, porém podem ter vivido temporalidades diversas.

### Figura 1 – Reforço dos laços afetivos com o lugar em ambiente virtual, a Metrópole Goiânia



Fonte: *Instagram*, 2019

No imaginário dos sujeitos, tem-se a ideia de que o perfil do morador do Estado de Goiás (assim como a Metrópole Goiânia)   totalmente voltado para cultura sertaneja. O jovem em questão reforça esse imaginário ao usar vestimentas que remetem ao ambiente sertanejo, porém um detalhe: ele aborda sua espacialidade, o Terminal Isid ria, na cidade de Goiânia

(terminal de ônibus de passageiros), conhecido pelo grande fluxo de pessoas oriundas das diversas localidades da metrópole.

O personagem, então, descreve (em tom de saudade) as lembranças no transporte coletivo metropolitano. Na foto a evidência da linha de ônibus 020 (que liga o Terminal Garavelo ao Terminal Praça da Bíblia, passando pelos Terminais Cruzeiro e Isidória), linha esta que é conhecida por andar sempre lotada, devido a alta demanda de passageiros. No seguinte trecho: “esse *busão* eu peguei por 10 anos. Quando eu era criança *num* pagava, passava debaixo da catraca, mas *num* podia *sentá*. Tinha que dar lugar *pros mais véi*. Quando eu era adolescente, pensava que eu ia conseguir sentar, mas *num* dava porque os ônibus era muito *chei*”. Percebe-se o regionalismo retratado ao fazer a leitura do texto, dando certa literariedade ao conteúdo lido.

Concordamos quando Chaveiro (2015) realiza aproximação entre a Geografia e o dizer, relaciona o sujeito com o lugar, possibilitando a construção do mundo pela leitura e percepção. A espacialidade está presente no mundo vivido, nas memórias, no imaginário, enfatizando o lugar da geografia como estudo da narrativa e das práticas culturais. Paz (1956) afirma que a linguagem é poesia e possui certa carga metafórica que só é percebida por quem a pronúncia. No texto apresentado, percebe-se o sentimento latente de saudade e certos laços com a cultura predominante do imaginário das pessoas: o sertanejo.

Brandão (2009) sugere o termo espaciar, no sentido de o sujeito gerar ou criar seus lugares. É fruto da ação humana, criando e fazendo estes lugares existirem, fazer sentido. Não só moramos em um lugar, este lugar faz parte do meu ser: sendo este o lugar das relações sócio-espaciais, das práticas culturais e o lugar da Geografia. O sentimento de pertencimento, ressaltado na figura, confirma o descrito por Bachelard (2008) e Tuan (2012), no que se refere nos laços afetivos com o lugar, na concepção dos espaços felizes. A percepção é ressaltada pelo o ser (o jovem) e por outros sujeitos que, ao lerem tal depoimento, se ‘transportam’ para aquela localidade na busca de evidenciar sua própria história com aquele espaço. Eis o princípio da territorialidade, proporcionada pelo ciberespaço, pode-se estar no lugar, mesmo não estando fisicamente.

Serpa (2008, p. 65) afirma que “imaginar é abstrair a realidade para a ela voltar após o sonho. Sonhar com a nova realidade para além do presente e do passado requer também coragem para imaginar um outro mundo, outros modos de vidas possíveis”. Os estudos sobre os aspectos culturais e demográficos do espaço geográfico contribuem para a compreensão desse momento de intensa circulação de informações, pessoas e modos de vida.

Os estudos sobre os aspectos culturais e demográficos do espaço geográfico contribuem para a compreensão desse momento de intensa circulação de informações, pessoas e modos de vida. Por isso, mais do que estudar particularidades, a identificação com o lugar, a noção de pertencimento, estimula os jovens a se afirmarem detentores do lugar representado, mesmo que eles não estejam fisicamente nele, ou seja, (re) constroem pela leitura do local, suas práticas culturais. A metrópole Goiânia é redefinida em ambiente virtual, podendo ser dinamizada além dos seus limites territoriais. É nesta premissa que este estudo se propôs, que é observar práticas culturais da juventude, retratadas na Metrópole Virtual (Goiânia).

## **5. CONSIDERAÇÕES**

Ao contextualizar as práticas culturais exercidas pela juventude, em ambiente virtual, mostra-se o grande potencial que tais práticas podem ser exercidas, reforçando o protagonismo da juventude. A Internet proporcionou a forma de interação do sujeito com o mundo, uma forma de ressignificar o espaço vivido. As práticas sócio-espaciais foram redimensionadas, ganharam novas amplitudes e puderam ser percebidas. Foram criadas formas de se relacionar com as pessoas, surgiram as mídias sociais, sendo um misto de interação e integração entre texto, imagem e som.

A Metrópole Goiânia é ressignificada pela juventude, utilizando páginas de mídias sociais, que traduzem o sentimento de pertencimento e de identificação com o lugar. O espaço virtual, ou ciberespaço tornou-se algo possível. A literariedade da visão de mundo, do dizer geográfico e da espacialidade do Ser é compreendida, mediante a leitura de mundo, a concepção de espaços felizes, da proximidade. O lugar de encontro é outro, está nas relações sociais dos sujeitos em ambiente virtual. Busca-se com este estudo compreender esta juventude, identificar a Metrópole Goiânia, percebida e ressignificada pelo Ser, trazendo sempre sua concepção e histórias de vida, pois cada pessoa carrega consigo trajetórias, vivências diversas e que são partilhadas no mesmo espaço geográfico.

O estudo geográfico em questão, ao propor abordagem fenomenológica, tem o intuito em retratar o espaço vivido e o local da leitura no imaginário destes jovens. Mais do que estudar particularidades, a percepção do lugar e o pertencimento destes jovens, em sua essência, reafirmam estes como detentores do lugar representado, mesmo que não estejam fisicamente nele, ou seja, (re)constroem espaço, por meio das práticas culturais no ciberespaço da Metrópole Virtual.

## 6. REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. 242 p.

BERDOULAY, Vincent; ENTRIKIN, J. Nicholas. Lugar e sujeito: perspectivas teóricas. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; Oliveira, Lívia de (Org.). *Qual o espaço do lugar?* Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 92-115.

BORGES, Rosana Maria Ribeiro. *Pensamentos dispersos, hegemonias concentradoras: discursos jornalísticos e movimentos de territorialização no Cerrado*. Tese (Doutorado em Geografia). Goiânia: Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, 2013. p. 74-105.

BRANDÃO, Carlos R. Viver um tempo, habitar um espaço – a visita de um antropólogo à geografia. In: BRANDÃO, Carlos R. *“No Rancho fundo”*: espaços e tempos no mundo rural. Uberlândia, MG: EDUFU, 2009. p. 15-31.

CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia. *Crítica y emancipación*: revista latinoamericana de Ciencias Sociales, Buenos Aires, v. 1, n. 1, p. 53-76, jun. 2008.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. Dizibilidades literárias: a dramaticidade da existência nos espaços contemporâneos. *Revista Geograficidade*, Niterói, RJ, v. 5, n. 1, p. 40-50, 2015.

CLAVAL, P. O Papel da Nova Geografia Cultural na Compreensão da Ação Humana. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). *Matrizes da Geografia Cultural*. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2001.

DARDEL, Eric. *O Homem e a Terra*: natureza da realidade geográfica. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DINIZ, Johnathan Pereira Alves. *Práticas de Leitura nas mídias sociais: evidências de leitura dos graduandos do IF Goiano – Campus Urutaí*. 2017. 194 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

FREIRE, Paulo. A concepção “bancária” da educação como instrumento da opressão. In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. p. 57-75.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

GOMES, Paulo Cesar da. Espaços públicos: um modo de ser do espaço, um modo de ser no espaço. In: CASTRO, Iná E. de; GOMES, Paulo César da C.; CORRÊA, Roberto L. (Org.). *Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 19-42.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim os territórios” à multiterritorialidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016. 395 p.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 103-133.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Trad: Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora da Unicamp, RJ: Vozes, 2012.

HOLZER, Werther. *A geografia humanista: sua trajetória 1950-1990*. Londrina: EDUEL, 2016.

HOLZER, Werther. Ser-na-cidade: por uma arquitetura e urbanismo como lugar. *Pensando – Revista de Filosofia*, Teresina, v. 8, n. 16, p. 20-32, 2017.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

PAZ, Octávio. El lenguaje. In: PAZ, Octávio. *El Arco y La Lira*. México: Fondo de Cultura, 1956. p. 29-38.

PEREZ, Carmen Lúcia Vidal. Ler o espaço para compreender o mundo: algumas notas sobre a função alfabetizadora da Geografia. *Revista Tamoios*, [S. l.], v. 1, n. 2, jul. 2010. Disponível em: <<http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/646/681>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. A pedra e o sonho: os caminhos do imaginário urbano. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris; Rio de Janeiro; Porto Alegre*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002. p. 7-27.

REGUILLO, Rosana. Pensar losjóvenes: um debate necessário. In: REGUILLO, Rosana. *Culturas juveniles: formas políticas des desencanto*. Buenos Aires: SigloVeintiuno editores, 2013. p. 19-38.

RELPH, Edward. *Place and placelessness*. London: Pion, 1976.

SANTOS, Andréa Pereira dos. *Juventude da UFG: trajetórias socioespaciais e práticas de leitura*. 2014. 194 p. Tese (Doutorado em Geografia) — Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

SERPA, Angelo. Como prever sem imaginar? O papel da imaginação na produção do conhecimento geográfico. In: *Espaços culturais: vivências, imaginações e representações*. Angelo Serpa (org.). Salvador: EDUFBA, 2008. p. 59-67.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Apresentação: socioespacial, sócio-espacial... ou sobre os propósitos e o espírito deste livro. In: SOUZA, Marcelo Lopes de. *Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. p. 9-18.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

WE ARE SOCIAL (England). *Digital in 2018: we are social's compendium of global digital, and mobile data, trends and statistics. 2018.* Disponível em: <<http://wearesocial.com/uk/special-reports/digital-in-2016>>. Acesso em: 13 jul. 2019.

Recebido em 28/04/2020.

Aceito em 14/09/2020.

Publicado em 30/04/2021